
**O que pode ser
uma curadoria descolonial?**

**What Can Be
a Decolonial Curatorship?**

**¿Qué puede ser
una curaduría descolonial?**

*Keyna Eleison (Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Brasil) **

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40526>

109

RESUMO: Neste ensaio, a pergunta “O que pode ser uma curadoria descolonial?” é respondida por meio de uma operação cirúrgica que reflete sobre o significado de cada termo. O exercício coreográfico busca menos revelar os significados intrínsecos a cada palavra do que os vazios existentes entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: curadoria; curadoria descolonial; descolonialidade

* Keyna Eleison é curadora independente, mestre em História Social da Cultura (Arte e História da Arte) pela PUC-RJ. É supervisora de ensino da Escola de Artes Visuais (Rio de Janeiro). E-mail: keynaeleison@gmail.com

ABSTRACT: This essay answers the question "What Can Be a Decolonial Curatorship?" through a surgical operation that reflects on the meaning of each term. This choreographic exercise seeks less to reveal the intrinsic meanings of each word than the gaps between them.

KEYWORDS: curatorship; descolonial curatorship; decoloniality

RESUMEN: En este ensayo, la pregunta "¿Qué puede ser una curación descolonial?" se responde mediante una operación quirúrgica que reflexiona sobre el significado de cada término. El ejercicio coreográfico busca menos revelar los significados intrínsecos de cada palabra que las brechas entre ellas.

PALABRAS CLAVE: curaduría; curaduría descolonial; descolonialidad

Citação recomendada:

ELEISON, Keyna. O que pode ser uma curadoria descolonial? *Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 35, p. 109-120, jan./jun. 2020. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40526>]

O que pode ser uma curadoria descolonial?

Alá do que pode uma curadoria descolonial, vale localizar este termo, sou eu quem escreve. O que posso...

Na questão levantada vem tantas implicações que já inicio nela.

O
QUE
PODE
SER
UMA
CURADORIA
DESCOLONIAL

E daqui vamos dançar, as palavras vão estabelecer um ritmo e vamos correr partes do corpo por um espaço.

O
A frase se inicia com o artigo masculino.

A necessidade de o início ser masculino já marca uma violência estrutural, muitas vezes invisibilizada, mas o exercício de evidenciar as questões que estão mais intrínsecas e minha resposta para isso:

E se olharam.

Imediatamente ela sabia que algo especial tinha acontecido, mas podia ser somente da parte dela.

A conexão intelectual foi instantânea, muitas palavras, conversas, assuntos, muito tempo junto para saber um do outro. Uma curiosidade que não cessava. Será que era recíproco? Não importa, o que já está acontecendo é maravilhoso, já há muito tempo estavam se sentindo pessoas solitárias.

E os encontros aumentaram, e o interesse aumentou em ambas as partes. O que acontecia já não importava, se deixar levar pelos acontecimentos era uma regra. Havia um certo clima de proteção, nenhuma agredia a outra, eram pessoas que se deixavam conhecer devagar, mas muito rapidamente a intimidade era maior do que se esperava (mas nada era esperado...). E a vontade foi muita, e saciada, sempre haviam assuntos e fala fala fala fala fala...

E o tempo juntos não foi suficiente, e o assunto entrou: sexo? Não, esse assunto já era cotidiano, falar de sexo era prática acadêmica, sabiam lidar com isso sem grandes protocolos, mais em comum do que o contrário.

O assunto: O que está acontecendo? O que vamos fazer com isso? O que já estamos fazendo, falar mais. Uma delícia cotidiana.

Um dia um encontro fora do local de costume, algumas amizades em comum, muita e mais conversa, mas dessa vez faltava algo, a intimidade era superfície, mas tudo estava bem, uma delícia de tarde, e os olhos mal se cruzavam.

O recado foi dado: foi bom, mas senti sua falta, preciso de mais. E era mútuo. E mais conversas, mais encontros e mais trocas, assuntos e tempo, um tempo largo que mal passava. Uma se sentia mais ela mesma, a outra com uma virilidade surpresa, e vice versa: se reconheceram.

E o tempo e a fala estimularam mais encontros e mais proximidade, até que ela fosse naturalmente se encontrar em um leito. E o ritmo foi natural, já se conheciam o suficiente para se apresentarem ainda mais, experimentar o gozo uma da outra, duas pessoas, que nunca foram uma só. O ato sexual já havia sido feito muito antes, nas palavras, encontros, risadas, toques na mão e gozadas, muitas e intensas. Então, sem novidades, só um caminho a ser percorrido.

Frases de destaque para ela:

- Por alguns segundos me encaminhei para te beijar, parecia natural fazer isso.
- Um dia ouvi você fazer o mesmo som que faz quando goza, achei curioso ver esse som em outro lugar.
- Depois que conheci você, minha vida e meu jeito de pensar mudaram.
- Me abraça por favor.

E agora tudo era segredo. Fator de excitação e empecilho. Agora nada mudava pois a mudança era constante.

E a distância veio. De espaço-tempo. Mas os corpos estavam juntos.

Até que não estava mais. E antes as duas pessoas eram duas e agora mais ainda.

E a vontade enorme agora é saudade. Memória que se visita dia a dia... E de certo, ela não tem como saber do outro corpo, a existência da outra ela só pode ignorar. Mas a usa para se reconhecer.

QUE

Uma palavra pode ser vazia, mas esta palavra aqui dá a existência. Não se pode igno-

rar, seguido de uma masculinidade, vem a palavra, pronome, advérbio, substantivo... carregado de pulsão. (Fig. 1)

PODE

E de novo a mesma obra de arte, mas agora uma outra. O verso da obra é um de presente para discussão. (Fig. 2)

A pintura AGONIA (AGONY), da artista nigeriana Colette Omogbay, pertence ao editor alemão Ulli Beier que teve seu trabalho voltado para a cultura nigeriana.

Na História Ocidental, ele é considerado um pioneiro na divulgação e desenvolvimento da cultura africana na Nigéria e da Oceania em Papua, Nova Guiné. Foi alguém que se dedicou a poder fazer o que achava o melhor com objetos – ao citar objetos incluiu palavras, sons, resultados culturais vindo de pessoas que “não tinham a mesma relevância” que Ulli – aos quais ele podia elevar e desenvolver [...] em benefício da Arte e da Cultura.

E aqui, na Nigéria de 1963, Colette Omogbai tem em sua obra uma relação direta com a Arte e seu sistema: NOT FOR SALE! / NÃO ESTÁ À VENDA!

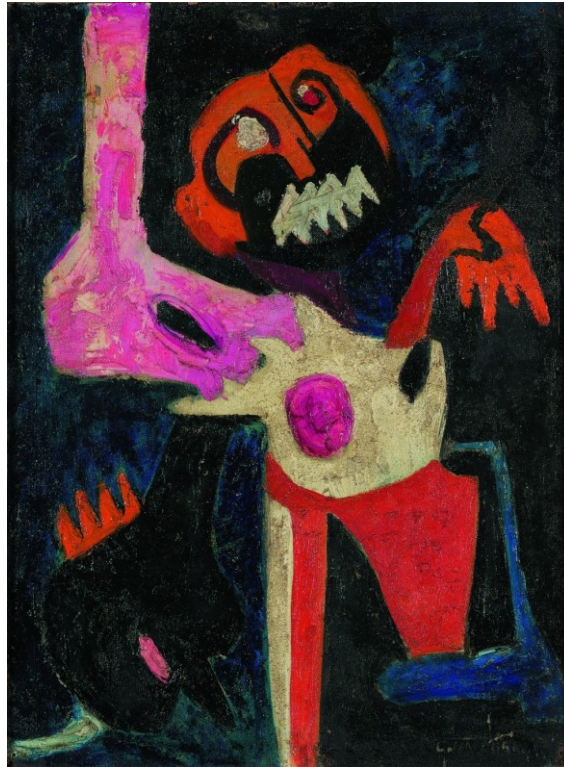


Fig. 1 - Colette Omogbai, *Agony*, 1963.
óleo sobre hardboard, 69 x 50,5 cm
Iwalewahaus, Universität Bayreuth, DEVA, Universität Bayreuth
(Fonte: <https://postwar.hausderkunst.de/>)



Fig. 2 - Colette Omogbai, *Agony*, frente e verso, 1963.
óleo sobre hardboard, 69 x 50,5 cm
Iwalewahaus / DEVA, A 00051 WN.
Courtesy Iwalewahaus Universität Bayreuth
(Fonte: <http://woa.kein.org/omogbai>)

Ou não é para vender, não se pode estabelecer a relação de mercado de forma que a obra deve ser arte, e não pode ser um objeto de compra e venda. Aqui, as tensões capitalistas não estão sendo negadas, elas estão estabelecidas na força de sua negação. Não se venda. Este corpo deve ser visto em uma disposição outra e assim como um dispositivo de percepção de existência.

SER

Nas notas soltas de um relacionamento e na obra de arte de Colette Omogbai estamos cercadas. São qualidades da realidade, de (mais uma vez) existência.

E para esta existência vou marcar aqui um silêncio de escrita, que tenha a distância de 13 linhas.

13 linhas, o número 13 vem por conta da carta da morte no tarot.

“Man cannot feel what painting is. Competition with photography exasperates him above all. Man’s courage fails when he is confronted with the intense version of life. To man intensity is unpleasant.” (MAM LOVES WHAT IS SWEET AND OBVIOUS, Colette Omogbai, 1965; Nigeria Magazine, 84, março 1965)

UMA

O homem não pode sentir o que é pintura. A competição com a fotografia o exaspera acima de tudo. A coragem do homem falha quando é confrontado com a versão intensa da vida. Para o homem, a intensidade é desagradável.

Eu aqui livre para traduzir Omogbai, quem fez um dos primeiros manifestos feministas na Nigéria com este texto, aqui apenas um pequeno trecho.

A unidade tem sido percebida e traduzida em uma perspectiva, de uma lateralidade, limitação, que nos formata à universalida-

de. Pura violência desenvolvida pelo antropoceno.

E aqui estabeleço o meu convite a uma dança conjunta, deixar a fronteira e jogar o corpo comigo, sorrir, suar e principalmente movimentar. Movimentar ritmos e intenção, as minhas são as piores possíveis e me mantenho integralmente.

Acreditar na unidade é o caminho mais fácil, por ter um foco, o convite aqui é para a reflexão em cima dos erros e das múltiplas saídas de acertos e erros, uma movimentação revolucionária a partir da morte da unidade, para assim podermos assimilar esse conceito.

Manter viva é impedir a assimilação, é observar o outro, é participar de uma incompletude. Que o Um morra para que possamos falar dele, que a unidade seja assimilada e se pluralize para a série de verdades.

O risco da única forma é mostra concreta da violência estrutural que pode ter o nome da certeza, normalidade e da paixão.

Paixão aqui não passa pelo radicalismo, mas sim na ideia romântica, essa forma

masculinizada eurocentrada de romantismo onde se percebe potência no mergulho em apneia para além da capacidade do pulmão por conta de uma vontade. Romantismo aqui de uma forma que a ideia de completude, que está ligada também à ideia de felicidade conectada a uma pessoa específica e não pela multiplicidade de fatores e pessoas que encaminham um sentido. Paixão que impede a visão do fluxo do desenvolvimento das alteridades outras. Paixão que não passa de manutenção estrutural e Violência – atenção aqui; violência está sendo colocada como matéria, tendo em vista que a partir dela desenvolve-se a humanidade sem que ela seja citada.

Paixão, a pathos, é mais um processo de posse dormindo na crença da unidade. E a partir de uma apaixonada, que sou, busco esta potência a partir de seu erro e duvido da certeza estruturada. Paixão não é radical.

O convite aqui é para uma complexidade de passos para uma dança que não é fácil de seguir e impossível de se ter sozinha, nem como pessoa, nem como ideia, muito menos como potência.

CURADORIA

Posicionamento: curadoria está relativa a posicionamentos. Linhas de pensamentos, relações, complexidades, simplificações...

Todas elas movimentações.

Como curadora, me valho do meu poder em transformar um texto em uma dança, uma dança em uma exposição, uma exposição em um texto.

A curadora que sou sugere a leitura do entorno. Desde a construção de processos a conclusões de pensamentos. Reconhecer a normalidade como estabelecida a partir de algo, e essa estrutura como construção e, como construção, pode ser desfeita ou reforçada.

Ainda na construção, a partir da língua portuguesa que nos coloca como agentes passíveis de saúde, no curar, eu nego esta posição para assistir. Minha colocação de mulher me obriga ao cuidado e manutenção estrutural. Pois me nego.

Curadoria a partir do não, cercada de julgamentos, tomando partido. Simples assim. Parágrafos curtos para abarcar a complexidade.

DESCOLONIAL

Toda relação é sobre poder. Por isso entrar na qualificação do poder é a prioridade. É evidente que todo trabalho de arte é um trabalho de poder.

Todas as relações humanas ocidentais, posso garantir que estão relacionadas a poder. Já observo as questões com a discussão da descolonialidade e decolonialidade. São termos que devem se colocar de forma muito cautelosa para não seguir pagando tributo e fazendo a manutenção, tendo em vista as estruturas que possibilitaram a formação do termo, vindo de academias europeias como uma forma de mea culpa que busca sua consistência nela mesma – a estrutura colonial.

E mesmo assim a própria discussão pode ter muitos pontos de fragilidade por estar sendo construída em estruturas fundamentalmente ligadas, inclusive agora, estamos na estrutura, escrevendo, em uma língua europeia. Não é para fuga e sim assumir a importância do exercício do apagamento e a violência sofrida em cada termo que pode ser usado, principalmente quando se usa o desvio.

Ao usar desvio, o caminho da “normalidade” se impõe.

E como exercício, poética e linguagem, posso parar de perguntar sobre poder e tirar proveito do erro. Sim, do não certo, da não verdade e estabelecer o plural para determinações de modelos e referências.

Dança é um ato. Movimentar o corpo de maneira ritmada na intenção de desenvolvimento de um método, mostragem de percepção no entorno e propõe estabelecer mudança no espaço tempo a partir dessa ação. Pode ser vista como impositora? A Arte pode ser vista como imposição da humanidade. E como imposição, a Violência é a matéria de base para a estrutura.

69. *Ad libitum, Accell.* **MUSIC OF CHANGES** John Cage

The image shows a musical score for 'Music of Changes' by John Cage. It consists of two systems of music. The first system starts at measure 69 and ends at measure 75. The second system starts at measure 76 and ends at measure 82. The score is written for piano and includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A 'RITARD.' marking is present at the end of the second system.

“Nenhum propósito. Sons.” (John Cage)

119

A terminologia MUDANÇA. Em John Cage, é possível perceber este tratamento com o som e o silêncio. Sua música tem uma estrutura dispositiva a partir de onde desenvolve seus sons e silêncios. O som carrega uma temporalidade. Estrutura determinada, rigorosamente determinada. A música é pura estrutura, não há o que desenvolver, desdobrar, a música é a própria estrutura. Tem como base a estrutura do cristal, ela gera uma infinidade de variações, mas o que interessa é a estrutura, o Cage parte

da ideia da estruturação, sem levar em conta as alturas, e sim a duração. Acaso, mas operações do acaso. Algo que ele vai propor e esse algo produz o acontecimento, colocado como paradoxo. Operação e acaso. Esculturas musicais.

O quando e onde, o tempo e o espaço, mas não o O QUE. São proporções de som e silêncio. Um homem, aqui John Cage, desenvolve a música da mudança. Só um homem. Dono do tempo espaço-tempo.

Dessa observação pego a normalidade de poder que existe e faço da música minhas palavras. Um ritmo entre pontuações e palavras que constroem o convite à dança.

Eu tenho um propósito. O propósito da potência do erro no um.

A decolonidade não me sustenta, é mais uma normalidade. Não se trata de curar.